

**A CIDADE ETIMOLOGIZADA: OS SENTIDOS ACERCA DO ESPAÇO URBANO NAS
ETYMOLOGIAE DE ISIDORO DE SEVILHA****Luciano César Garcia Pinto***

RESUMO: Neste trabalho, trataremos de alguns aspectos concernentes às representações do espaço urbano tais como aparecem em trechos selecionados do livro XV (*De aedificiis et agris*) das *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha (560-636 e.c.). É aí que o Hispalense expõe os principais vocábulos empregados para descrever o espaço urbano. Partindo de um escrutínio de base gramatical, no qual se encontram quatro princípios de definição – a etimologia, a analogia, a glosa e a diferença –, Isidoro apresenta os matizes próprios às *uerba* que descrevem e, concomitantemente, (re)significam as *res* do espaço urbano: *ciuitas*, *urbs* etc.

PALAVRAS-CHAVE: espaço urbano; etimologia; Antigüidade tardia; Isidoro de Sevilha.

**ETYMOLOGISED CITY: MEANINGS ON URBAN SPACE IN ISIDORE OF SEVILLE'S
ETYMOLOGIAE**

ABSTRACT: In this paper, we will deal with some aspects concerning the representations of urban space as they are made in some selected passages from the book XV (*De aedificiis et agris*) of Isidore of Seville's (560-636 C.E.) *Etymologiae*. In this book, Isidore exposes the main words which he employs for describing the urban space. From a grammar-based scrutiny in which we can find four principles of definition – etymology, analogy, gloss, and difference –, Isidore presents the appropriate nuances of the *uerba* which describe and, at the same time, (re)signifies the *res* of urban space: *ciuitas*, *urbs*, etc.

KEYWORDS: urban space; etymology; late Antiquity; Isidore of Seville.

INTRODUÇÃO: ETIMOLOGIA E (EFEITOS DE) SENTIDO

Se se considerar que a etimologia, longe de ser obra de “pura erudição” ou um tema de debate restrito a especialistas, é um exercício empreendido por qualquer sujeito não só para *fixar um sentido*¹, mas também para evitar outros tantos dentre aqueles a que se tem acesso – pois é

* Doutorando em Letras Clássicas do Departamento de Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Patricia Prata. lucianuscaesar@gmail.com

¹ A glosa etimológica consta da lista que Authier-Revuz faz da chamada *modalização autonímica*, ou seja, “configuração enunciativa da reflexividade metaenunciativa” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 14). Nessa PINTO, Luciano César Garcia. A Cidade Etimologizada: Os Sentidos acerca do Espaço Urbano nas *Etymologiae* de Isidoro de Sevilha. **Revista Archai**, Brasília, n. 03, pp. 107-118, Jul. 2009. Disponível em <http://archai.unb.br/revista>.

licito pensar que além de haver apenas um espaço cognoscível do dizível, esse não é “acessado” em sua totalidade, devido a uma série de restrições de ordem política, histórica, cultural, lingüística (cf. MAINGUENEAU, 2005, p. 16) –, então, é possível entender a etimologia como uma das formas possíveis de se evidenciar um posicionamento ideológico dentro desse espaço, como o ponto a partir do qual se pratica *gestos de leitura*, portanto, *interpretações*. Esses *gestos* não lidam com o sentido (único), mas sim com *efeitos de sentidos* (cf. PÊCHEUX, 1990, p. 61-105), os quais se realizariam conforme os imperativos semânticos de uma dada *formação discursiva* (cf. MAINGUENEAU, 2005, p. 20-21). No entanto, não é comum encontrar referências à etimologia (assim como a outros tipos de saber, como, por exemplos, os dicionários) nesses termos – mesmo, em alguns casos, nos debates especializados –, mas, ao contrário, são freqüentes as afirmações que dizem ser o objetivo da etimologia (como o dos dicionários) expor os sentidos “primeiros”, a partir do qual “todos” os outros são derivados, associando, muitas vezes, noções como *literalidade*, *denotação* e *étimo*. Em posição contrária a essa – não obstante muito longe de querer aprofundar nesse assunto que mobiliza, certamente, várias áreas e teorias dos estudos da linguagem –, vamos partir da perspectiva que nega essas “hierarquias” semânticas e que, portanto, tenta entender os sentidos sempre como efeitos que se associam, inevitavelmente, ao pertencimento a uma determinada *semântica de mundo* (cf. MAINGUENEAU, 2005, p. 22).

ISIDORO DE SEVILHA E SUA “ENCICLOPEDIA”: NOTAS SOBRE O ESTATUTO DESSE ENUNCIADOR

É claro que não se devem negar certas especificidades do emprego da etimologia num dado momento. No caso da etimologia na Antigüidade:

“A interpretação de uma palavra implica principalmente o elemento exegético e didático da etimologia. Através dele, a ênfase é dada sobre o sentido que o intérprete favorece. Esse aspecto já aparece no *Crátilo* de Platão, no qual a etimologia aponta para a exegese de um nome através dos ‘*sentidos* escondidos

metaenunciação, “[...] as formas de representação dos fatos de não-coincidência aparecem como **manifestando**, de um modo que não deriva da intencionalidade, a **negociação obrigatória** de todo enunciador com o fato das não-coincidências fundamentais que atravessam seu dizer: negociação que deriva de um trabalho de “denegação”, em que as formas de representação, traços, emergências de não-coincidências fundamentais, aparecem ao mesmo tempo como **máscaras**, na imagem que dão delas, ao mesmo tempo circunscritas (isto é, constituindo o resto, por diferença, como UM) e dominadas (justamente por um enunciador capaz, a partir de sua posição de domínio metaenunciativo, de controlar seu dizer).” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 20-21). Para maior detalhamento sobre a questão da etimologia como uma dessas possibilidades de glosa metaenunciativa, ver Authier-Revuz (1998, p. 39).

das palavras'. Ademais, o nome (*ὄνομα*), no *Crátilo*, era visto como um instrumento pedagógico" (PERAKI-KYRIAKIDOU, 2002, p. 481, tradução minha)².

Além disso, no caso da etimologia tardo-antiga, pode-se dizer que ela se constituía numa espécie de *gênero discursivo* (ver MAINGUENEAU, *op. cit.*, p. 44-45), bastante codificado em certas fórmulas lingüísticas canônicas³, sendo uma "aplicação" particular de um discurso mais abrangente que era o da *ars grammatica*.

É tentando apreender essas particularidades que abordaremos as "investidas" etimológicas de Isidoro de Sevilha em direção à Cidade, tentando localizar os cortes resultantes de sua "incisão etimológica".

A importância da figura de Isidoro de Sevilha e de sua função de *auctor*⁴ é atestável por vários caminhos. Do ponto de vista político-eclesiástico, basta reproduzir, aqui, a afirmação de Fontaine (1979, p. 9-10) a esse respeito:

"[...] o homem que escreveu as *Etimologias* era bispo, irmão e sucessor de Leandro de Sevilha, o qual, há pouco, tinha inspirado e conseguido a conversão do rei Recaredo e de todo o povo visigótico ao catolicismo. Reorganizador da Igreja espanhola, Isidoro prossegue e completa a obra do irmão. Conselheiro real – em particular do rei letrado Sisebuto –, fomentador e estimulador do quarto Concílio nacional de Toledo, em que Isidoro dá, por assim dizer, em 633, a nova 'constituição' à Igreja da Espanha e ao reino de Toledo. Um homem de ação desse tipo, investido de tão grande responsabilidade, não pode ser tratado por *philologus* na mesma linha de Élio Estilão ou também de Varrão..." (tradução minha)⁵

Do ponto de vista autoral, desde sua época experimentou grande fama entre outras figuras

² *The interpretation of a word implies mainly the exegetical and didactic element of etymology. Through it, the emphasis is on the meaning favoured by the interpreter. This aspect is already existent in the Platonic Cratylus, where etymology aimed at the exegesis of a name through the 'hidden meanings of the words'. Besides, the name (*ὄνομα*) in the Cratylus was seen as a pedagogical instrument.*

³ Para o grego, ver, por exemplo, Peraki-Kyriakidou (*op. cit.*, p. 480-481) a respeito dos sintagmas preposicionais *apò tou* (ἀπὸ τοῦ) e *parà to* (παρὰ τό). Sobre essas marcas do gênero etimológico em latim, ver Amsler (1989, p. 28-29; p. 78).

⁴ Sobre a possibilidade de tratar essa questão da "função-autor" na Antigüidade, ver Prata (2005).

⁵ [...] *l'uomo che ha scritto le Etimologie era vescovo, fratello e successore di Leandro di Siviglia, che, da poco, aveva ispirato e ottenuto la conversione del re Recaredo e di tutto il popolo visigoto al cattolicesimo. Riorganizzatore della Chiesa spagnola, Isidoro prosegue e completa l'opera del fratello. Consigliere reale – in particolare del re letterato Sisebuto –, promotore e animatore del quarto Concilio nazionale di Toledo, Isidoro vi dà, per così dire, nel 633, la nuova "costituzione" alla Chiesa di Spagna e al regno di Toledo. Un tale uomo d'azione, investito di così grandi responsabilità, non può essere trattato da philologus alla stessa stregua di Elio Stilone o anche di Varrone...*

eclesiásticas – sendo citado seja por simpatizantes (caso de Alcuíno de Iorque [c. 731-804 e.c.]), seja por desafetos (caso de Beda [c. 673-735 e.c.])⁶ – e mesmo entre a população, já que, em meados do séc. X e.c., teve seu nome associado a um culto, cuja fama fez com que a Igreja de Roma o canonizasse no séc. XVI (DÍAZ Y DÍAZ, 2004, p. 111-113). Por fim, também recebeu, já no séc. XVII, a insígnia de Doutor da Igreja, além de ser considerado, hoje, patrono/padroeiro tanto da Filologia como da Internet.

Já na função episcopal, redigiu a mais conhecida de suas obras: *Etymologiae siue origines* (abreviada como *Orig.*). Com um objeto pedagógico e pastoral muito bem definido, ou seja, o de tentar garantir o “acesso” aos textos dos *antiqui* escritos em latim para aqueles que postulavam a carreira eclesiástica, Isidoro se empenha em produzir uma espécie de enciclopédia-dicionário, visto que não há somente uma necessidade de síntese dos grandes campos de saber da Antigüidade, mas também uma exigência de colocar os leitores a par da terminologia técnica daqueles campos; assim, havia, para ele, também uma preocupação de enriquecer o “arquivo lexical” daqueles clérigos. Se lembrarmos que, no século de Isidoro, as condições *materiais* de acessos aos textos antigos eram, *lato sensu*, bem mais precárias do que as dos séculos precedentes, podemos, talvez, entender melhor sua aparente “sanha” em dar conta de assuntos tão diversos. Essa “obra” extrapolou, aparentemente, seu objeto primeiro tanto que se transformou no grande compêndio acerca do saber antigo utilizado durante toda a Idade Média.

Na figura do autor das *Etimologias* reúnem-se dois *ēthea* ($\eta\theta\epsilon\alpha$) enunciativos: o de bispo e o de “etimólogo”, cuja própria existência já marcava uma posição bem definida nas polêmicas existentes nos primeiros séculos do cristianismo entre aqueles que aceitavam as relações com os saberes seculares e os que não a aceitavam (cf. AMSLER, 1989, p. 86). Portanto, ao “tomar a palavra” ou, conforme diz Foucault (2005), ao “ser tomado por ela”, Isidoro o faz investido do duplo lugar do bispo e do “etimólogo”, empregando esse saber como uma ferramenta hermenêutica, que seria capaz de pôr tudo “no lugar”, tentando encontrar, quanto fosse possível, as correspondências (biunívocas) entre as palavras e as coisas, apagando, assim, as contradições, sempre que necessário (*abusiue/proprie, antiquis/uulgo*)⁷. Esse intento aparece, por exemplo, na própria definição de etimologia⁸:

⁶ Sobre a leitura da obra de Isidoro por Alcuíno e Beda, ver Irvine (1994, p. 272-298; p. 313-333) e Díaz y Díaz (2004, p. 215-223).

⁷ A oposição entre advérbios tais como *abusiue/proprie* e *uulgo/antiquis* marcam, nas *Etymologiae*, as formas lexicais que seguem certa *ratio/causa* e, portanto, têm sua *auctoritas*, contra os desvios, as formas sem *ratio*.

⁸ Todas as traduções referentes ao livro I das *Etymologiae* foram retiradas da minha dissertação de mestrado. Para a referência completa, ver bibliografia. Disponível na Internet: <http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000435257>

“A etimologia é a *origem* das palavras, uma vez que o *valor da palavra* ou do *nome* ganha nexos através da *interpretação*. [...] os nomes e as palavras para as coisas se fazem notadas através de uma dada referência, a saber: *flumen* (“rio”), porque se dividiu fluindo, foi nomeado a partir de “fluir”. O conhecimento da referência tem, amiúde, um uso indispensável na interpretação. Pois, assim que tiveres visto donde o nome é oriundo, saberás mais rápido seu valor. A inspeção de todas as coisas é mais fácil, sendo a etimologia conhecida. Todavia, nem todos os nomes foram impostos pelos antigos segundo a natureza, mas alguns o foram segundo o agrado, assim como também nós damos, às vezes, nomes aos nossos servos e possessões, segundo o que agrada a nossa vontade. Daqui é que não se encontram as etimologias de todos os nomes, já que alguns deles não são segundo a sua qualidade, a partir da qual foram gerados, mas receberam seus vocábulos conforme o arbítrio da vontade humana. No entanto, existem etimologias de nomes que foram dadas, ou a partir da *causa*, p. ex., *reges* (“reis”) de [*regere* (“reger”) e] de *recte agere* (“agir retamente”); ou partir da *origem*, p. ex., *homo* (“homem”), pois vem de *humus* (“terra”); a partir dos contrários, p. ex., de *lauare* (“lavar-se”) vem *lutum* (“lama”), mesmo que *lutum* não seja limpo, e *lucus* (“bosque”), porque, lá, a sombra luz opaca. Alguns nomes também foram cunhados a partir da derivação nominal, p. ex., *prudens* (“prudente”) de *prudentia* (“prudência”); outros também desde os sons, p. ex., *garrulus* (“tagarela”) de *garrulitas* (“tagarelice”); alguns são oriundos de etimologia grega e foram incorporadas à declinação latina, p. ex., *silva* (“floresta”), *domus* (“casa”). Outros também tiram seus vocábulos de nomes de lugares, de cidades ou de rios. Muitos também são chamados conforme a língua dos diversos povos. Donde também a origem de seus nomes discerne-se com dificuldade. Com efeito, a maioria dos nomes bárbaros permanece incógnita tanto aos latinos quanto aos gregos.” (*Orig.* I, 29; tradução e grifos meus)⁹.

⁹ *Etymologia est origo uocabulorum, cum uis uerbi uel nominis per interpretationem colligitur. [...] nomina et uerba rerum nota facit exemplo posito; utputa ‘flumen’ quia fluendo creuit, a fluendo dictum. Cuius cognitio saepe usum necessarium habet in interpretatione sua. Nam dum uideris unde ortum est nomen, citius uim eius intellegis. Omnis enim rei inspectio etymologia cognita planior est. Non autem omnia nomina a ueteribus secundum naturam inposita sunt, sed quaedam et secundum placitum, sicut et nos seruis et possessionibus interdum secundum quod placet nostrae uoluntati nomina damus. Hinc est quod omnium nominum etymologiae non reperiuntur, quia quaedam non secundum qualitatem, qua genita sunt, sed iuxta arbitrium humanae uoluntatis uocabula acceperunt. Sunt autem etymologiae nominum aut ex causa datae, ut ‘reges’ a [regendo et] recte agendo, aut ex origine, ut ‘homo’ quia sit ex humo, aut ex contrariis ut a lauando ‘lutum’ dum lutum non sit mundum, et ‘lucus’ quia umbra opacus parum luceat. Quedam etiam facta sunt ex nominum deriuatione, ut a prudentia ‘prudens’; quaedam etiam ex uocibus, ut a garrulitate ‘garrulus’; quaedam ex Graeca etymologia orta et declinata sunt in Latinum, ut ‘silua’ ‘domus.’*

De modo semelhante, ao falar de nome, novamente se evidencia aquele intento:

“[...] chama-se nome como se fosse *notamen* (“sinal de designação”), uma vez que, através de seu vocábulo, faz que as coisas nos sejam notáveis. Com efeito, se não tiveres conhecido o nome, não haverá conhecimento das coisas.” (*Orig.* I, 7, 1; tradução e grifos meus)¹⁰.

A CIDADE CONFIADA ÀS LETRAS: O ESPAÇO URBANO PELO CRIVO DA ETIMOLOGIA

Quanto à organização interna, as *Etimologias* dividem-se, nas edições modernas, em vinte livros. Desses, pode-se dizer que os primeiros dez, tal como aparecem, tratam das ciências seculares (as sete artes liberais, além da filosofia e da medicina), das leis jurídicas e dos ofícios e livros eclesiásticos. Os demais livros são mais “técnicos”, abordando temas mais circunscritos como as partes da terra, os metais, o vestuário etc. É nessa segunda parte que se insere o livro XV (*Dos edifícios e dos campos*), momento em que se fala, apesar de não exclusivamente, mais sistematicamente acerca das cidades. Esse livro começa pelo capítulo que trata da origem de várias cidades consideradas importantes, tanto as gregas e romanas quanto as bíblicas. Ele se apresenta como uma pesquisa onomástica que, ao investigar o nome próprio das cidades, toma-os como índices de compreensão de suas histórias. Em seguida, passa-se ao capítulo intitulado *Dos edifícios públicos*, de que traduziremos aqui algumas partes e no qual se encontram as principais definições de *ciuitas*, *urbs* e *oppidum* (sobre essas definições, falaremos mais adiante). Pormenorizando ainda mais, o capítulo seguinte, *Das habitações*, apresenta os vocábulos relativos aos interiores das habitações: *aula* (“pátio”), *atrium* (“átrio”), *coenaculum* (“cenáculo”). *Dos edifícios sacros* é o título do tema seguinte, quando Isidoro aborda tanto “construções” de sua época, como as dos períodos romanos anteriores: *propitiatorium* (“propiciatório”), *monasterium* (“monastério”), *coenobium* (“cenóbio”), *fanum* (“fano”). O capítulo 5, *Dos repositórios*, apresenta alguns vocábulos empregados para designar lugares em que se guardam objetos variados: *sacrarium* (“sacrário”), *donaria* (“lugar em que se guardam donativos”), *armarium* (“armário”), *bibliotecha* (“biblioteca”). Em seguida, no *Dos locais de trabalho*, são explicados termos como *ergasterium* (“onde se realiza algum trabalho”), *pistrinum* (“lugar em que se moem grãos”) e, curiosamente, *gynaecium* (“onde grupos de mulheres se reúnem para trabalhar a lã”). No capítulo

Alia quoque ex nominibus locorum, urbium, [uel] fluminum traxerunt uocabula. Multa etiam ex diuersarum gentium sermone uocantur. Vnde et origo eorum uix cernitur. Sunt enim pleraque barbara nomina et incognita Latinis et Graecis. Atentamos para o fato de que, a despeito do que consta na edição que seguimos, a grafia do *v* foi invariavelmente, aqui e alhures, substituída por *u*, pelo simples fato de que tal letra, assim como se pode ver em *Orig.* I, I, 3-4, não existia.

¹⁰ *Nomen dictum quasi notamen, quod nobis uocabulo suo res notas efficiat. Nisi enim nomen scieris, cognitio rerum perit.*

7, Isidoro volta a pormenorizar sua descrição/explicação ao focar os espaços das habitações que estão em contato com seu exterior. Discorre-se acerca *Dos áditos* (vestíbulo, porta, janelas etc.). Depois, vem o capítulo que trata *Das partes dos edifícios*, no qual se etimologizam vocábulos como *fundamentum* (“fundação”), *paries* (“paredes”), *angulus* (“canto”), *bases* (“bases de colunas”). O capítulo 9, *Das defesas*, aborda as variadas formas de se construir defesas tais como as paliçadas (*ualla*) e as trincheiras (*aggeres*). Em seguida, no *Das tendas (tentoria)*, trata-se dos diversos abrigos erguidos em ações militares: *tabernaculum* (“tabernáculo”), *tentorium* (“tenda”). *Dos sepulcros* é título do capítulo seguinte, quando se explica a formação dos vocábulos para *sepulcrum* (“sepulcro”), *sarcophagus* (“sarcófago”), *mausolea* (“mausoléu”) etc. Após isso, Isidoro apresenta termos a respeito *Dos edifícios rurais*; diferenças, por exemplo, entre o que é *casa* (“choça, casebre”) e *tugurium* (“tugúrio, choupana”). No capítulo 13, *Dos campos*, abordam-se palavras para “prado”, “herdade”: *ager* (“campo”), *uilla* (“quinta”), *fundus* (“herdade”), *alluius* (“aluvião”). Depois, aparece uma seqüência de termos empregados para designar as idéias de “limites”, no capítulo que trata *Das delimitações dos campos*: o que quer dizer *finis* (“confins”), *limes* (“limite”), *terminus* (“termo”). Em penúltimo lugar, está o *Das medidas dos campos*, em que se elenca uma série de unidades de medida conhecidas à época de Isidoro: *digitus* (“dedo”), *pertica* (“pértiga”), *actus minimus*. Por fim, encerrando esse livro das *Etimologias*, o capítulo 16, *Dos caminhos*, apresenta a explicação de vocábulos como *uia* (“via”), *leuga* (“légua”), *strata* (“estrada”).

Passemos, pois, para as maneiras pelas quais aparecem discernidos os vários vocábulos que designam o espaço urbano. Embora, em sua época, eles parecem intercambiar-se – o próprio Isidoro o faz muitas vezes –, nesse livro, o bispo de Sevilha tenta diferenciá-los, dando indicações de possibilidades de serem concebidos.

Vejamos, pois, como ele constitui esse *léxico* “básico” acerca da cidade:

“*Ciuitas* é uma multidão de pessoas reunida pelo vínculo de sociedade, dita a partir de *ciues* (“cidadãos”), isto é, dos próprios íncolas (*incola*) da *urbs*, [pelo fato de que ordena consensualmente e conserva a vida de uma grande parte de pessoas]. Com efeito, *urbs* são as fortificações (*moenia*) em si, porém, chama-se de *ciuitas* não as pedras mas os habitantes.” (*Orig.* XV, 2, 1; tradução e grifos meus)¹¹.

Não tem como não associar esse enunciado às primeiras palavras de Le Goff (2002, p. 219) no verbete “Cidade” do *Dicionário temático do ocidente medieval*:

¹¹ *Ciuitas est hominum multitudo societatis uinculo adunata, dicta a ciuibus, id est ab ipsis incolis urbis [pro eo quod plurimorum consciscat et contineat uitas]. Nam urbs ipsa moenia sunt, ciuitas autem non saxa, sed habitatores uocantur.*

“A cidade medieval, segundo uma idéia que os clérigos da Idade Média tinham retomado dos Pais da Igreja – em particular de Santo Agostinho – por sua vez tributários dos filósofos gregos e romanos, de Aristóteles e Cícero, não é feita somente de pedras, mas em primeiro lugar de homens, de cidadãos.”

No entanto, Isidoro não se “contenta” em opor *ciuitas* e *urbs* nesses termos, mas, ao contrário, avança esse contraste, ao dizer que:

“*Vrbs* foi chamada a partir de *orbs* (“círculo”, “mundo”), dado que as antigas cidades eram feitas em círculo; ou provém da parte da rabiça (*urbum*) do arado, com o qual os muros eram demarcados. [...] Com efeito, demarcava-se o lugar da futura cidade com um sulco, isto é, com um arado. [...] Porém, por isso, circundava-se a *urbs* com um arado, por meio de novinhos de sexo diferente, em vista da mistura das famílias e da imagem daquele que semeia e colhe o fruto. Porém, a *urbs* é construída com arado, é revolvida pelo arado.” (*Orig.* XV, 2, 3-4; tradução e grifos meus)¹².

Vrbs opõe-se também a *oppidum*:

“Disse-se *oppidum* certamente a partir de “oposição de muros” (*oppositio murorum*); alguns (dizem que) provém de “riquezas ocultáveis” (*opes recondendae*), pelo fato de que foi murada; outros (dizem que se deve) ao fato de que, nela, o conjunto dos habitantes empresta mutuamente as riquezas a si contra o inimigo. Com efeito, nos primórdios, as pessoas, nuas e inermes, nem tinham redutos (*praesidia*) contra as feras, nem (possuíam) refúgio ao frio e ao calor, nem as próprias pessoas entre si estavam suficientemente a salvo de outras pessoas. Então, graças à solércia natural, construíram para si, nas cavernas e nos abrigos silvestres, choças (*tuguria*) e casebres com ramas e canas, a fim de que a vida fosse mais segura, e para que não houvesse passagem àqueles que fossem capazes de matar alguém. Essa é a origem das *oppida*, as quais, porque repartiam a riqueza, por isso disseram que são chamadas *oppidum*. Porém, (dizem que) a *oppidum* discrepa em magnitude e em riquezas de um vico, de um castelo, de um pago.” (*Orig.* XV, 2, 5-6; tradução e grifos meus)¹³.

¹² *Vrbs uocata ab orbe, quod antiquae ciuitates in orbe fiebant; uel ab urbo parte aratri, quo muri designabantur; [...] Locus enim futurae ciuitatis sulco designabatur, id est aratro. [...] Ideo autem urbs aratro circumdabatur, dispari sexu iuuenorum, propter commixtionem familiarum, et imaginem serentis fructumque reddentis, Vrbs autem aratro conditur, aratro uertitur.*

¹³ [...] *Oppidum quidam ab oppositione murorum dixerunt; alii ab opibus recondendis, eo quod sit munitum;*

Entre elas, além disso, há uma diferença importante, especialmente relativa à questão etimológica, que é a da *origem*. Por exemplo:

“Diz-se com propriedade *ciuitas*, a que construíram não estrangeiros, mas os que nasceram naquele mesmo solo. É por isso que as *urbes construídas* pelos próprios cidadãos recebem o nome de “cidades”, e não de “colônias”. Colônia, por outro lado, é aquele (lugar) que se completa com novos cultivadores, na falta de (habitantes) autóctones (*indigenae*). Donde também “colônia” foi dita a partir de *cultus agri* (“cultivo do campo”).” (*Orig. XV, 2, 8-9*; tradução e grifos meus)¹⁴.

A diferença também pode ser dada em termos jurídicos, por exemplo:

“*Municipium* é (o lugar) em que, embora mantendo a condição de *ciuitas*, obtém-se algum direito (*ius*) de ofício, menor ou maior, da parte do príncipe. Porém, disse-se *municipium* a partir de *munia* (“obrigações oficiais”), isto é, ofícios, dado que só restituem *munia*, isto é, os tributos devidos ou as obrigações (*munera*). Com efeito, as causas liberais, as mais famosas e aquelas que partem do príncipe, não se tratam lá. Essas pertencem, pois, à dignidade das cidades.” (*Orig. XV, 2, 10*; tradução e grifos meus)¹⁵.

A ausência dessas características (citadinas) também define outros espaços, a saber:

“Vicos, castelos e pagos são os (lugares) que não se aprestam com nada digno de uma cidade, mas são habitadas (*incolere*) por uma reunião *vulgar* de pessoas e, por causa de sua pequenez, atribuem-se às cidades maiores. Porém, é dito *uicus* somente pelos próprios habitantes, ou porque tem só vias, sem muros. Não tem,

alii quod sibi in eo conuentus habitantium opem det mutuam contra hostem. Nam primum homines tamquam nudi et inermes nec contra beluas praesidia habebant, nec receptacula frigoris et caloris, nec ipsi inter se homines ab hominibus satis erant tuti. Tandem naturali sollertia speluncis siluestribusque tegumentis tuguria sibi et casas uirgultis arundinibusque contexerunt, quo esset uita tutior, ne his, qui nocere possent, aditus esset. Haec est origo oppidorum, quae quod opem darent, idcirco oppida nominata dixerunt. Oppidum autem magnitudine et moenibus discrepare a uico et castello et pago.

¹⁴ *Ciuitas proprie dicitur, quam non aduenae, sed eodem innati solo condiderunt. Ideoque urbes a propriis ciuibus conditae ciuitates, non coloniae nuncupantur. Colonia uero est quae defectu indigenarum nouis cultoribus adimpletur. Vnde et colonia a cultu agri est dicta.*

¹⁵ *Municipium est quo manente statu ciuitatis ius aliquod minoris aut maioris officii a principe inpetrat. Dictum autem municipium a muniis, id est officiis, quod tantum munia, id est tributa debita uel munera, reddant. Nam liberales et famosissimae causae, et quae ex principe proficiscuntur, ibi non aguntur. Haec enim ad dignitatem ciuitatum pertinent.*

porém, fortificação de muros; é lícito, também, que os próprios habitantes da urbe possam chamar-se 'vicos'. Disse-se, porém, *uicus* pelo fato de que faz as vezes de cidade, ou porque tem só vias, sem muros." (Orig. XV, 2, 11-12; tradução e grifos meus)¹⁶.

CONCLUSÃO: RUPTURAS, CONTINUIDADES E OS "NÃO-DITOS" DO DISCURSO

A julgar pelo que está escrito nesse livro das *Etimologias*, Isidoro, de fato, não parece fazer uma descrição apenas da situação das cidades à sua época, mas, ao contrário, parece recolher, como dissemos, informações de várias épocas sobre o que já havia sido escrito a respeito delas ou de suas informações. É claro que, essas informações de outrora não deixam de se misturar com particularidades relativas à cidade na virada dos séculos VI e VII e.c.. Com o que se diz sobre castelos e torres – que parece estar próximo do protótipo de castelo medieval –, convivem descrições sobre labirintos, o capitólio etc. Aos olhos desse bispo-etimólogo, o mundo apresentar-se-ia como caótico, e sua função seria tentar discernir os conceitos, a fim de melhor localizá-los. Esse caos seria um dos traços, ainda, da divisão humana após Babel. Sua amplitude só se expandia, pois, mesmo o antigo passado romano tinha sido atravessado por esse caos, graças à chegada dos "bárbaros". Essa mistura seria um dos sinais de decadência, como deixa claro aquilo que o bispo de Sevilha diz a respeito das mudanças languageiras:

"Alguns disseram que são quatro as línguas latinas, isto é, a prisca, a latina, a romana e a mista. A prisca, de que fizeram uso os mais antigos habitantes da Itália, sob Jano e Saturno, é incondita, como se encontram os poemas sális. Latina, a que falaram também os demais povos do Lácio, sob Latino e os reis etruscos, a partir da qual foram escritas as dozes tábuas. Romana, a que começou a ser usada depois que os reis foram expulsos pelo povo romano, através da qual os poetas Nêvio, Plauto, Ênio, Virgílio e os oradores Graco, Catão, Cícero e outros se expressaram. Mista, a que, depois que o império avançou com mais extensão, irrompeu na sociedade romana concomitantemente com costumes e homens, corrompendo a integridade das palavras por meio de solecismos e barbarismos." (Orig. XV, 2, 6-7; tradução minha)¹⁷.

¹⁶ *Vici et castella et pagi hi sunt qui nulla dignitate ciuitatis ornantur, sed uulgari hominum conuentu incoluntur, et propter paruitatem sui maioribus ciuitatibus adtribuuntur. Vicus autem dictus ab ipsis tantum habitationibus, uel quod uias habeat tantum sine muris. Est autem sine munitione murorum; licet et uici dicantur ipsae habitationes urbis. Dictus autem uicus eo quod sit uice ciuitatis, uel quod uias habeat tantum sine muris.*

¹⁷ *Latinas autem linguas quattuor esse quidam dixerunt, id est Priscam, Latinam, Romanam, Mixtam. Prisca est, quam uetustissimi Italiae sub Iano et Saturno sunt usi, incondita, ut se habent carmina Saliorum. Latina, quam sub Latino et regibus Tusci et ceteri in Latio sunt locuti, ex qua fuerunt duodecim tabulae*

A única forma de frear essa fragmentação contínua seria, na óptica isidoriana, a busca pelas origens e pelas causas das coisas. No caso das cidades, ele dá vários exemplos de como as cidades se originaram e como cidades novas originar-se-iam. Essa seria, pois, a *ratio* das cidades. Essa “obsessão” pelas origens e pelas causas coaduna-se com seu conceito de história e de gramática, logo de etimologia:

“História é a narrativa dos acontecimentos concretos, pela qual esses, que ocorreram no passado, são destacados. Em grego, porém, história deriva de *historeîn*, isto é, “ver” ou “conhecer”. Com efeito, entre os antigos, ninguém redigia uma história, se a pessoa envolvida não estivesse presente e se essas coisas que são narradas não tivessem sido vistas. De fato, é melhor depreendermos as coisas que acontecem pelos nossos próprios olhos do que reuni-las de ouvir falar. Com efeito, aquilo que se vê, é narrado sem mentira. Esta disciplina está ligada à Gramática, pois tudo aquilo que é digno de memória é confiado às letras. Por isso, porém, *histórias* são ditas *monumentos*, pelo fato de que consagram a memória dos feitos.” (*Orig. I*, 41; tradução e grifos meus)¹⁸.

Se tudo o que é digno de memória é monumento e pertence à ciência das letras, aquilo que não lhes foi confiado, não faria parte, portanto, da história. Seria o “bárbaro”, o “vulgo”, o “rural”, ou seja, seria a “agrafia”¹⁹. Esses “sem-história” e “sem-cidade” seriam também os “sem *ratio*”. A esses, só restaria que alguém levasse-lhes a “Palavra”, a “História”, o “Sentido”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

AMSLER, M. Etymology and grammatical discourse in late antiquity and the early middle ages.

scriptae. Romana, quae post reges exactos a populo Romano coepta est, qua Naeuius, Plautus, Ennius, Vergilius poetae, et ex oratoribus Gracchus et Cato et Cicero uel ceteri effuderunt. Mixta, quae post imperium latius promotum simul cum moribus et hominibus in Romanam ciuitatem inrupit, integritatem uerbi per soloecismos et barbarismos corrumpens. Tradução também retirada da minha dissertação de mestrado.

¹⁸ *Historia est narratio rei gestae, per quam ea, quae in praeterito facta sunt, dinoscuntur. Dicta autem Graece historia ἀπὸ τοῦ ἱστορεῖν, id est a uidere uel cognoscere. Apud ueteres enim nemo conscribebat historiam, nisi is qui interfuisset, et ea quae conscribenda essent uidisset. Melius enim oculis quae fiunt deprehendimus, quam quae auditione colligimus. Quae enim uidentur, sine mendacio proferuntur. Haec disciplina ad Grammaticam pertinet, quia quidquid dignum memoria est litteris mandatur. Historiae autem ideo monumenta dicuntur, eo quod memoriam tribuant rerum gestarum.*

¹⁹ *Mutatis mutandis*, trata-se de uma oposição semelhante à que Michel de Certeau (2006, p. 211-280) analisa, quando aborda a relação escrita-oralidade na constituição do saber europeu moderno.

Amsterdam: John Benjamins, 1989.

AUTHIER-REVUZ, J. Palavras incertas – as não-coincidências do dizer. Trad. C. R. C. Pfeiffer et al. Campinas: Unicamp, 1998.

CERTEAU, M. de. A escrita da história. Trad. M. de L. Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 .

DÍAZ Y DÍAZ, M. Introducción general. In: SAN ISIDORO DE SEVILLA, 2004, p. 1-262.

FONTAINE, J. Isidoro di Siviglia e la cultura del suo tempo. Annali della Facoltà di Economia e Commercio, Pádua, série 1, v.8, 1979, p. 3-52.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. 12ª ed. Trad.: L. F. de A. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2005.

IRVINE, M. The making of textual culture: “Grammatica” and literary theory, 350-1100. Cambridge: Cambridge Univ. 1994.

LE GOFF, J. Cidade. In: LE GOFF, J.; SCHMITT, J.-C. (coord.). Dicionário temático do ocidente medieval. Coordenação da tradução: H. F. Júnior. Bauru: EDUSC, 2002, vol. I, p. 219-236.

MAINGUENEAU, D. Gênese dos discursos. Trad. S. Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso. In: GADET, F.; HAK, T (org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad.: B. S. Mariani et al. Campinas: Unicamp, 1990, p. 61-162.

PERAKI-KYRIAKIDOU, H. Aspects of Ancient Etymologizing. Classical Quarterly, Cambridge, 52, 2, p. 478-493, 2002.

PINTO, L. C. G. Do que se confia às letras: a ciência gramatical nas Etimologias de Isidoro de Sevilha. Campinas: Unicamp, 2008 (Dissertação de Mestrado).

PRATA, P. “Questões de autoria na Roma antiga”. In: Barbosa, M. V. e Zoppi-Fontana, M. G. (org.). Cadernos de Qualificação. Campinas:Unicamp, 2005, n. 1, 205, p. 221-235.

SAN ISIDORO DE SEVILLA. Etimologías. Texto latino, tradução e notas: J. O. Reta e M.-A. M. Casquero. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2004 [ca. 612].

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Profa. Dra. Patricia Prata pela orientação, pelo incentivo e pelas sugestões; a Fábio Fortes e a Gabriella Barbosa Rodrigues também pelas sugestões que fizeram. A responsabilidade pelas idéias, porém, é do autor.

.

Recebido em 01/11/2008.

Aprovado em 03/12/2009.